

Comparação entre a aquisição da estrutura da sílaba no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE)

Carolina Mezzomo e Gabriela Menezes*

Este artigo tem como objetivo expor resultados de uma pesquisa realizada sobre a aquisição da estrutura silábica no PB, comparada à aquisição da estrutura silábica do PE.

Para a realização deste trabalho foram levantadas amostras de fala disponíveis nos Bancos de Dados INIFONO e AQUIFONO (CEAAL). Para a complementação dos dados foram consultadas as pesquisas de Mezzomo (1999), referente à coda medial, de Lamprecht (1990) e Rangel (1998), relacionada à aquisição do ataque simples e ramificado. A idade dos informantes variou de 1;2 anos a 3;10 para a coda medial e final e de 1;6;7 anos a 3;0;29 anos para o ataque simples e ramificado.

A partir do levantamento de dados, analisou-se o surgimento e a aquisição das estruturas silábicas CV, CVC e CCV no processo de aquisição do PB. Os resultados foram comparados com aqueles encontrados em pesquisas realizadas por Freitas (1997, 1998) sobre a aquisição do português europeu (PE).

Serão assumidos, neste estudo, os mesmos constructos teóricos referenciados pela autora acima citada: modelo de princípios e parâmetros (Chomsky, 1981); teoria da sílaba de Ataque – Rima (Selkirk, 1982); modelo de aquisição da prosódia (Fikkert, 1994).

A teoria da sílaba baseada no modelo Ataque-Rima (Selkirk, 1982) trata a sílaba como uma unidade hierarquicamente estruturada, isto é, dividida em dois constituintes maiores, o onset ou ataque e a rima. A rima, por sua vez, se ramifica em dois elemen-

* PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

tos, o pico ou núcleo e a coda. Esta representação demonstra a existência de um relacionamento muito mais estreito entre a vogal do núcleo e a consoante da coda, do que entre o núcleo e o ataque.

Quadro 1

Comparação dos componentes das estruturas silábicas do PB e do PE (as informações relativas ao PE e ao PB foram extraídas de Freitas (1997) e Bisol (no prelo), respectivamente)

PB	PE
Ataque Simples - oclusivas: / p, b, t, d, k, g / - nasais: / m, n, ŋ / - fricativas: / f, v, s, z, S, Z / - líquidas: / l, λ, r, R /	Ataque Simples - oclusivas: / p, b, t, d, k, g / - nasais: / m, n, ŋ / - fricativas: / f, v, s, z, S, Z / - líquidas: / l, λ, r, R /
Ataques Ramificados mais Frequentes - oclusiva + vibrante /r/ [pr], [br], [tr], [dr], [kr], [gr] - oclusiva + lateral /l/ [pl], [bl], [tl], [kl], [gl] - fricativa + vibrante /r/ [vr], [fr] - fricativa + lateral /l/ [fl]	Ataques Ramificados mais Frequentes - oclusiva + vibrante /r/ [pr], [br], [tr], [dr], [kr], [gr] - oclusiva + lateral /l/ [pl], [bl], [kl], [gl] - fricativa + vibrante /r/ [vr], [fr] - fricativa + lateral /l/ [fl]
Rima não ramificada Núcleo não ramificado - posição silábica associada a uma vogal. ['kɔla] Núcleo Ramificado - posição silábica associada a uma vogal e semivogal. ['kayʃa] ['flawta] Rima Ramificada Núcleo não ramificado + Coda (posição silábica associada a apenas uma consoante, (i) fricativa (C ₁₀) ou (ii) líquida (C ₁₀): ['festa] ['kawdu] ['pɔrta] Núcleo Ramificado + Coda (posição silábica associada a uma fricativa) ['fawstu] ['kays]	Rima não ramificada Núcleo não ramificado - posição silábica associada a uma vogal. ['tɔla] Núcleo Ramificado - posição silábica associada a uma vogal e semivogal. ['fayʃa] ['pawta] Rima Ramificada Núcleo não ramificado + Coda (posição silábica associada a apenas uma consoante, (i) fricativa (C ₁₀) ou (ii) líquida (C ₁₀): ['testa] ['salta] ['sɔrti] Núcleo Ramificado + Coda (posição silábica associada a uma fricativa) ['fawstu] ['mays]

Segundo Bisol (no prelo), a estrutura silábica do PB apresenta como único elemento obrigatório o núcleo, o qual possui o maior grau de soantidade, sendo sempre ocupado por vogais. A rima, além de apresentar o núcleo, pode ser composta por uma coda, preenchida por soante ou /S/. O ataque, por sua vez, contém no máximo dois elementos, sendo o primeiro uma consoante obs-truinte não contínua ou contínua labial e o segundo sempre uma soante não nasal, excluídos os grupos /dl/ e /vl/.

As restrições observadas quanto às combinações dos dois elementos do ataque e possíveis elementos preenchedores da coda no PB são semelhantes àquelas encontradas no PE, como pode-se observar no Quadro 1.

A análise da seqüência vogal seguida de semivogal (ver Quadro 1) também pode ser interpretada como uma rima ramificada em núcleo e coda. Defendendo esta visão, Bisol (no prelo) argumenta que o português brasileiro não possui no seu sistema fonológico vogais longas ou seqüências VGL, que poderiam ser evidências de um núcleo ramificado.

Para fins de análise comparativa será assumida, neste artigo, a proposta de Freitas (1997) quanto à possibilidade de a vogal e a semivogal fazerem parte de um núcleo ramificado.

No que tange à estrutura *núcleo não ramificado seguido de coda* (Quadro 1), existem análises sobre o PB que consideram uma consoante nasal na posição de coda, que pode ser preenchida pelos traços da consoante seguinte ou da vogal precedente (Bisol, 1998; Wetzels, 1997).

Os autores citados também consideram a possibilidade do apagamento da consoante nasal e nasalização da vogal precedente. A concepção de que a nasal não está presente em posição de coda na forma de superfície é adotada por Freitas (1997) e será aqui considerada para a viabilização do estudo comparativo.

Deve-se ressaltar que além dos grupos consonantais expostos no Quadro 1, existem outros menos frequentes no PB, tais como pneu, admirar, psicologia, entre outros. No entanto, tais grupos não serão tratados neste artigo.

Fikkert (1994), utilizando a fonologia métrica, propôs estágios de domínio da estrutura silábica. Os parâmetros utilizados pela autora foram reformulados por Freitas (1997) para o tratamento do PE, que serão expostos a seguir.

¹ No PB, a semivocalização da líquida lateral para [w] em final de sílaba é um processo previsto pelo sistema da língua, portanto considerado natural e esperado (Azambuja, 1998). Segundo Quednau (1993), na região metropolitana do Rio Grande do Sul há preferência pela aplicação da regra de vocalização da lateral pós-vocálica.

Parâmetro da Sílabla (Freitas, 1997)

Parâmetro do Ataque Mínimo: os ataques são obrigatórios? (sim / não)²

Estágios de aquisição:

- Estágio 1 – Ataques simples associados a oclusivas e nasais. Ataques vazios.
- Estágio 2 – outros modos de articulação em ataques simples.

Parâmetro do Ataque Máximo: os ataques podem ramificar? (sim / não)

Estágios de aquisição:

- Estágio 0 – Grupos consonânticos não surgem como alvos possíveis.
- Estágio 1 – Grupos consonânticos reduzidos ao 1º elemento (C₁∅) ou reduzido a um ataque vazio (∅ ∅).
- Estágio 2 – Grupos consonânticos reduzidos ao 2º elemento (∅C₂), uma líquida ou uma semivogal
- Estágio 3 – Os dois elementos do grupo consonântico são produzidos.

Parâmetro da Rima Ramificada: as rimas podem ramificar em núcleo e coda? (sim / não)

Parâmetro do Núcleo Ramificado: os núcleos podem ramificar? (sim / não)

Parâmetro da Coda Ramificada: as codas podem ramificar? (sim / não)

Estágios de aquisição:

- Estágio 1 – Sílabla universal: rimas não ramificadas; núcleos não ramificados.
- Estágio 2 – Rimam ramificadas: aparecimento das obstruintes finais.
- Estágio 3 – Núcleos ramificados: consoantes [+soan]; semivogais.
- Estágio 4 – Consoante extra-rima.

A partir dos parâmetros expostos anteriormente, Freitas (1997) observou a seguinte ordem de aquisição dos parâmetros no PE:

Ordem de aquisição dos parâmetros

- 1º – Parâmetro do ataque mínimo
- 2º – Parâmetro da rima ramificada
- 3º – Parâmetro do núcleo ramificado
- 4º – Parâmetro do ataque máximo

² Estão sublinhados os valores não-marcados ou default.

Resultados

Emergência do ataque simples – Na fase inicial de aquisição do PB a primeira estrutura silábica que emerge é V, seguida da estrutura CV (Rangel, 1998). Essa seqüência de aquisição do ataque simples foi também observada nos dados de Freitas (1997). Devido a esse fato, a autora propôs a reformulação do parâmetro do ataque mínimo, proposto por Fikkert (1994), com o objetivo de explicitar uma possível preferência universal pela sílabla V.

A ordem de emergência dos segmentos no PB é: plosivas / nasais > fricativas > líquidas. Entretanto, Rangel (1998) observou o surgimento da líquida lateral antes das fricativas, em alguns casos. Dessa forma, os resultados do PB para a aquisição do ataque simples corroboram a ordem de emergência segmental proposta por Freitas (1998).

Pode-se observar então que o PB segue os mesmos estágios de aquisição do ataque mínimo proposto por Freitas (1997), apresentando primeiramente ataques vazios e ataques simples preenchidos por oclusivas e nasais e, num segundo momento, ataques simples preenchidos por outros modos de articulação.

Emergência do ataque ramificado – O ataque ramificado no PB é uma estrutura de domínio tardio, ocupando o último lugar na cronologia da aquisição silábica (Lamprecht, 1990). O mesmo ocorre com relação ao PE que, segundo Freitas (1997), tem como último parâmetro ativado o do ataque máximo.

No PB observa-se inicialmente a redução de encontros consonantais por apagamento do segundo elemento. Posteriormente, as crianças passam a realizá-los corretamente, não apresentando estágios intermediários como a semivocalização ou a substituição da líquida (Lamprecht, 1990).

Lamprecht (1990) observou, entretanto, poucas ocorrências de substituição de líquida na segunda posição do encontro e apenas um caso de semivocalização desse segmento.

Dessa forma, os dados de aquisição do PB apontam para a existência de três estágios para o ataque ramificado: 1) inexistência de alvos que contenham o encontro consonantal; 2) redução do grupo consonântico ao primeiro elemento; 3) produção correta do encontro consonantal.

Pode-se constatar a inexistência de redução do encontro a um ataque vazio ou ao segundo elemento, o que leva à conclusão de que o PB segue os estágios 0 e 3 e parcialmente o estágio 1 proposto por Freitas (1997).

Emergência da rima (núcleo ramificado e coda) – Em seu estudo, Freitas (1997) propôs um tratamento diferenciado para fricativas e líquidas na rima devido à ordem distinta de emergência desses segmentos. Contrariamente ao que foi exposto no Quadro 1, em que aponta líquidas e fricativas como elementos preenchedores da coda, a autora considerou a fricativa como um elemento dominado pela coda e as líquidas pelo núcleo (fazendo parte de um núcleo ramificado). Esta é a única forma de explicar os momentos distintos de aquisição, uma vez que estes fonemas já estão presentes no sistema da criança. Neste caso, a criança fixaria previamente o valor marcado do Parâmetro da Rima Ramificada, responsável pelo uso das codas fricativas e só posteriormente seria fixado o Parâmetro do Núcleo Ramificado, que compreende o uso de líquidas em final de sílabas.

Quanto ao momento de emergência das líquidas /r/ e /l/, Freitas (1997) não observou diferença com relação a posição medial. O mesmo não foi evidenciado em posição de final de palavra, onde o /r/ surgiu antes do /l/. Contudo, este comportamento não representa um forte argumento a favor da distinção silábica entre /r/ e /l/, pois /r/, neste contexto, é interpretado como ataque devido à inserção da vogal [i-].

No PB observou-se a seguinte ordem de emergência dos fonemas à direita do núcleo:

Quadro 2

Surgimento e aquisição dos fonemas /r/, /l/, /s/ à direita do núcleo em posição final e medial de palavra (Mezzomo, 1999, Bancos INIFONO e AQUIFONO).

		Início de Produção	Aquisição
/l/	Posição Final	1:2 – 1:4	1:4 – 1:6
	Posição Medial	1:6 – 1:7	2:6 – 2:8
/s/	Posição Final	1:6 – 1:7	2:6 – 2:8
	Posição Medial	2:0 – 2:2	3:0 – 3:2
/r/	Posição Final	1:11 – 2:0	3:8 – 3:10
	Posição Medial	2:2 – 2:4	3:8 – 3:10

Conforme exposto no Quadro 2, a ordem de aquisição da fricativa e líquidas em posição final de sílaba no PB é diferente do PE por dois motivos:

- observa-se a emergência da líquida lateral, vocalizada antes da fricativa;
- a ordem de aquisição de /l/ e /r/ não é igual (/l/ é adquirido antes de /r/).

Considerando a fricativa como constituinte de coda e as líquidas como segundo elemento do núcleo ramificado não podemos adotar, para o PB, os estágios de aquisição da rima expostos por Freitas (1997).

Conclusão

O estudo comparativo realizado possibilitou a constatação de semelhanças e diferenças entre a aquisição da estrutura da sílaba no PB e no PE, tal como observado em Santos (1998). Em ambas as línguas há relação entre a emergência dos sons e sua posição na palavra, ou seja, o fato de uma classe de sons estar presente no sistema da criança não implica a realização desses sons em todas as posições silábicas. A emergência segmental depende da ativação dos parâmetros que regem a estrutura silábica das línguas.

A aquisição do ataque mínimo demonstrou o mesmo percurso nos dados de fala de crianças brasileiras e portuguesas, apresentando o Parâmetro do Ataque Mínimo como o primeiro a ser ativado.

Com relação ao Ataque Máximo, pode-se observar como semelhança entre as línguas analisadas sua aquisição tardia, ocupando última posição na ordem de ativação dos parâmetros. No entanto, as crianças brasileiras não percorrem todos os quatro estágios encontrados na aquisição do ataque máximo no PE, excluindo parte do estágio 1 e o estágio 2.

A ordem de aquisição dos parâmetros, proposta por Freitas (1997), se aplica aos dados do PB se considerarmos a ativação da seguinte forma:

Parâmetro do Ataque Mínimo > Parâmetro da Rima > Parâmetro do Ataque Máximo.

Todavia, a especificação dos parâmetros da rima em 1) Parâmetro da Rima Ramificada, 2) Parâmetro do Núcleo Ramificado, não acomoda os dados de aquisição da rima do PB.

A escala de aquisição apresentada por Fikkert (1994) mostrou-se eficaz para a explanação dos dados do PE. No entanto, para comprovar o *status* universal de tal escala faz-se necessário a busca de respostas para as diferenças encontradas neste artigo. Como foi anteriormente referido, os parâmetros da rima não estão de acordo com a ordem de emergência segmental do PB. Dessa forma, verifica-se a necessidade da busca de explicações alternativas, intrínsecas ao sistema do PB, que corroborem os estágios de aquisição da rima propostos por Fikkert (1994) ou, apoiados nos dados de aquisição de outras línguas, da reformulação desta escala.

Referências bibliográficas

- BISOL, L. *A sílaba e seus constituintes*. (no prelo)
- BISOL, L. A nasalidade, um velho tema. *Delta*, v. 14, n. especial, 1998, p. 27-46.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- FIKKERT, P. *On the acquisition of prosodic structure*. (Tese de doutorado). Leiden University, 1994.
- FREITAS, M. J. *Aquisição da estrutura silábica do português europeu*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de Lisboa, 1997.
- FREITAS, M. J. Os segmentos que estão nas sílabas que as crianças produzem: localidade silábica e hierarquia de aquisição. *Atas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. v. 1, Lisboa, 1998.
- LAMPRECHT, R. R. *Perfil da aquisição normal da fonologia do português – descrição longitudinal de 12 crianças: 2:9 a 5:5*. (Tese) PUCRS, 1990.
- MEZZOMO, C. L. *Aquisição dos fonemas na posição de coda medial do português brasileiro, em crianças com desenvolvimento fonológico normal*. Dissertação (Mestrado em Letras), PUCRS, 1999.
- RANGEL, G. A. *Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de três crianças de 1:6 a 3:0*. Dissertação (Mestrado em Letras), PUCRS, 1998.
- SANTOS, R. S. A aquisição da estrutura silábica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 33, n. 2, jun. 1998, p. 91-98.
- SELKIRK, E. O. The syllable. In: VAN DER HULST, H.; SMITH, N. *The structure of phonological representation*. Dordrecht: Foris, 1982.
- WETZELS, L. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 9, 1997, p. 203-232.